

*A 4ª Internacional  
na América Latina:  
os anos 1950*



## **A 4ª INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA: OS ANOS 1950**

### **RESUMO**

Traça um painel sobre a ação e o desenvolvimento das organizações políticas da América Latina vinculadas às idéias de Leon Trotsky, na década de 1950, bem como de sua historiografia.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Partidos políticos; América Latina; Leon Trotsky

Michael Löwy<sup>1</sup>

## A 4ª INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA: OS ANOS 1950<sup>2</sup>

Os anos 1950 foram um período difícil para os movimentos trotskistas na América Latina: foi uma época de crise, de divisão, por vezes de marginalização (a “travessia do deserto”), mas também, ao menos em certos países, um período de participação nas grandes lutas operárias e populares, por vezes até nos movimentos revolucionários de massa.

Foi também a era dourada do populismo, isto é, dos regimes bonapartistas como os de Perón (1944-1955), Vargas (1950-1954), Paz Estensorro, na Bolívia (1952-1956), Jacobo Arbenz, na Guatemala (1951-1954), que se apoiavam nas mobilizações populares para realizar certas reformas e promover um desenvolvimento industrial nacional.

Alguns dos mais importantes movimentos sociais dessa época foram dirigidos por forças de tipo populista: foi o caso especialmente do movimento sindical peronista na Argentina e da revolução boliviana, hegemônica pelo Movimiento Nacionalista Revolucionário (MNR). No Brasil os burocratas sindicais fiéis a Getúlio Vargas (organizados no Partido Trabalhista Brasileiro - PTB) disputaram o controle do movimento operário com o Partido Comunista.

Foi somente no Chile, e, em certa medida, no Uruguai, que partidos operários, socialistas e comunistas, tiveram a direção no movimento operário e sindical. A política dos stalinistas, presentes em todos os países do continente, mas fortemente implantados no Chile, no Brasil, no Uruguai e na Guatemala, evoluiu consideravelmente no curso desse decênio: após um período sectário, durante a Guerra Fria, o 20º Congresso do Partido

---

<sup>1</sup> Michael Löwy nasceu em São Paulo, e formou-se em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Vive há quatro décadas na França, onde é diretor emérito de pesquisas do Centre National de Recherches Scientifiques (CNRS). Suas obras estão traduzidas em mais de 22 países. <lowym@free.fr>

<sup>2</sup> Publicado originalmente nos *Cahiers Leon Trotsky*, Grenoble, n. 70, p. 99-109, jun. 2000.

Comunista da União Soviética (Pcus) abriu em 1956 uma época de crise, várias vezes seguida de um período direitista.

É neste contexto que irão evoluir as organizações que se reclamavam do trotskismo e tentaram inserir-se nos sindicatos populistas ou praticar o entrismo nos partidos comunistas e socialistas; o conhecimento dessas organizações nesse período não é fácil: os fatos mais elementares são freqüentemente cobertos com uma espessa camada de polêmicas fracionais locais e internacionais.

Além disso, não há uma história crível do trotskismo latino-americano. Existem, evidentemente, trabalhos sobre a Argentina, a Bolívia, o Brasil, por exemplo, mas a única obra de peso sobre o movimento em escala continental é a de um pesquisador universitário americano, Robert Jackson Alexander<sup>3</sup>, *Trotskyism in Latin America*<sup>4</sup>, publicada pela Hoover Institution de Harvard, uma fundação criada em honra do antigo chefe do Departamento Federal de Investigação (Federal Bureau of Investigation — FBI), especializado na luta contra o comunismo... Este livro é uma mina de informações, especialmente graças às entrevistas do autor com antigos dirigentes trotskistas latino-americanos, mas lhe falta um mínimo de estrutura analítica ou quadro de referência; além disso, a total exterioridade em relação ao sujeito por parte do autor, social-democrata convicto, o impede muitas vezes de *compreender* as disputas políticas dos debates.

Há também um excelente dossiê sobre os anos 1930, organizado por Pierre Broué<sup>5</sup> e publicado nos *Cahiers Leon Trotsky*,

---

<sup>3</sup> A coleção de entrevistas foi depositada no Special Collections and University Archives, Rutgers University, New Brunswick, NJ e reproduzida para comercialização pela IDC Publishers. O AEL possui em 15 rolos de microfilmes, as 213 entrevistas da Interviews Collection Robert Alexander [Robert Jackson Alexander], relativos ao período entre 1947 e 1994. Cf. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Coleção Interviews Collection. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael\\_icra/website-ael\\_icra.htm](http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_icra/website-ael_icra.htm)>. Acesso em: 11 jan. 2007. (N. Ed.).

<sup>4</sup> ALEXANDER, R. J. *Trotskyism in Latin America*, Stanford: Hoover Institution Press, 1973. 303 p.

<sup>5</sup> BROUÉ, P. *Cahiers Leon Trotsky*, Grenoble, n. 11, p.13-30, set. 1982. (N. Ed.)

mas que não vai além de 1940. Por fim, um antigo aluno de Broué, o historiador Osvaldo Coggiola, publicou no Brasil um pequeno livro<sup>6</sup> útil, mas muito curto e unilateral, sobretudo no que se refere aos anos posteriores à cisão de 1953.

Durante os anos 1950, as organizações trotskistas tiveram uma real influência, especialmente na Argentina, na Bolívia e no Chile, mas houve grupos ou núcleos mais ou menos importantes no Brasil, Uruguai, Peru, México e Cuba. Encontram-se referências também a núcleos na Colômbia, Equador, e El Salvador, mas há pouca informação a seu respeito. Na maioria destes países o movimento dividiu-se em grupos e frações antagônicas, que se organizaram, a partir da cisão da própria Internacional, em dois blocos: o Bureau Latino-Americano (BLA) —, filiado ao Secretariado Internacional da 4ª Internacional (SI), e o Secretariado Latino-Americano do Trotskismo Ortodoxo (SLATO), filiado ao Comitê Internacional.

Estes grupos eram extremamente reduzidos — menos de uma centena de militantes —, mas a dedicação de seus ativistas e a radicalidade de suas posições, inspiradas pela teoria da revolução permanente e o Programa de Transição, lhes assegurou um eco bem maior que sua força organizada. Alvos da repressão policial e militar e a hostilidade implacável dos stalinistas, dificilmente conseguiram sair de seu isolamento. É verdade também que suas práticas eram bastante sectárias e fracionais e suas análises muito otimistas, se não triunfalistas, ou muito calcadas nos textos “clássicos” de Trotsky e sobre o modelo da Revolução Russa.

Na Argentina, o movimento constituiu-se essencialmente por duas correntes cujas organizações trocavam freqüentemente de nome e que é preciso, portanto, designar por aquele dos seus dirigentes verdadeiramente carismáticos, Nahuel Moreno, pseudônimo de Hugo Bressano, e J. Posadas, pseudônimo de Homero Cristalli. Ao longo dos anos 1940 estas duas correntes distinguiram-se claramente por sua atitude em relação ao peronismo: enquanto o Partido Obrero Revolucionário (POR) de Moreno denunciava o governo peronista por suas *características fascistas ou semifascistas*, o Grupo Cuarta Internacional (GCI) de

---

<sup>6</sup> COGGIOLA, O. *O trotskismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Posadas o definia como *típico caso do governo nacionalista de uma semicolônia*. Posadas e seus camaradas, que pregavam, na Argentina e em outros lugares, a formação de um partido operário baseado nos sindicatos, tomaram, no curso dos anos 1950, a direção do BLA, animado desde então pelo militante uruguaio Ortiz, pseudônimo de Alberto Sendic. Este Bureau, criado em 1948, em acordo com o SI, durante uma Conferência Latino-Americana em Buenos Aires, foi formalmente instituído pelo 3º Congresso de 1951 e se tornou, dez anos mais tarde, a principal base da cisão “posadista” da Internacional.

O 3º Congresso foi o ponto de partida de um crescente interesse da Internacional pelas revoluções do Terceiro Mundo — chamadas de revolução colonial, na terminologia da época — e em particular pela América Latina, que foi objeto, pela primeira vez, de uma resolução específica.

Ao longo dos anos 1950 a reflexão da Internacional sobre os movimentos populares latino-americanos foi intimamente ligada à sua análise da revolução colonial, isto é, da guerra da Indochina, da ascensão do nasserismo, do Pacto de Bandoeng e da guerra da Argélia.

Foi também no Congresso de 1951 que se decidiu reconhecer o grupo de Posadas como seção argentina da 4ª Internacional em razão de sua organização séria e de uma análise política julgada mais correta.<sup>7</sup> É preciso destacar que nessa época Posadas não havia iniciado seu extravagante e tragicômico desvio político e sua equipe argentina contava com muitos dirigentes conhecidos — Roberto Muniz, José Lungarzo, Oscar Fernandez — e uma plêiade de quadros, entre os quais se pode citar Adolfo Gilly, Alberto Pla, Guillermo Almeyra, Angel Fanjul, assim como os uruguaios Alberto Sendic e Gabriel Labat.

Aliás, o POR de Moreno aceitou o reconhecimento do GCI como seção, pedindo apenas que ele trocasse de nome, e fez uma autocrítica pública por ter recusado a palavra de ordem de *frente única antiimperialista*.<sup>8</sup> Foi o início de uma reorientação política de

<sup>7</sup> PRAGER, R. (Org.). *Les congrès de la Quatrième Internationale: manifestes, thèses, résolutions*. v. 4: Menace de la troisième guerre mondiale et tournant politique (1950-1952), p. 299-300.

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 298-301.

Moreno e de seus amigos que os conduziu, em 1954, a unir-se a um partido peronista de esquerda (Partido Socialista de la Revolución Nacional) e até, em 1956, a publicar seu jornal *Palabra Obrera* como um órgão *sob a disciplina do general Perón e do Conselho Superior peronista!* Ao longo dos anos 1950 os dois grupos conquistaram uma base sindical não desprezável, suas posições sobre o peronismo aproximaram-se bastante — sem que isso em nada diminuísse sua rivalidade e hostilidade recíprocas.

A Bolívia foi de longe o país onde o trotskismo teve sua maior influência, especialmente no poderoso sindicato dos trabalhadores em minas (Federación Sindical de Trabajadores Mineros de Bolívia – FSTMB), que aprovou, em seu congresso de 1946, em Pulacayo, um conjunto de teses redigido por um dirigente do POR boliviano, Guillermo Lora, que retomou e adaptou ao contexto do país as idéias centrais do Programa de Transição. Entretanto, ao contrário dos grupos argentinos, o POR boliviano permaneceu mais uma rede de militantes que uma organização de vanguarda estruturada e orgânica.

Durante a revolução de 9 de abril de 1952 — operária por sua base social, com aspirações nacionalistas e democráticas radicais — o POR boliviano deu apoio crítico ao MNR (Movimiento Nacional Revolucionário) de Paz Estenssoro e de Juan Lechin, e conquistou por alguns meses uma posição hegemônica à frente da Central Obrera Boliviana (COB). Em setembro de 1952 a COB adotou uma plataforma redigida por um dirigente do POR, Hugo González Moscoso, que propôs a constituição, por sindicatos, de uma assembléia de trabalhadores, estrutura de duplo poder visando a instauração de um governo operário e camponês. Sob pressão das bases populares, Paz Estenssoro foi obrigado a expropriar as minas de estanho, a depurar o exército e a decretar uma reforma agrária. Entretanto, ele não pôde tolerar a ameaça que representava uma COB independente, fortemente influenciada pelas teses trotskistas da revolução permanente; durante os últimos meses de 1952, o MNR, por meio de sua ala esquerda e através do sindicalista Juan Lechin, conduziu uma ofensiva contra o POR e, com o apoio dos stalinistas, retomou o controle da central operária.

Ao longo dos anos seguintes, o POR conheceu, de 1953 a 1956, uma crise grave que teve como resultado dividi-lo e enfraquecê-lo consideravelmente. As circunstâncias precisas não são fáceis de estabelecer. As principais fontes são os livros de

Lora, muito documentados, porém bastante deformados pelo espírito fracional e privados de um mínimo de objetividade.<sup>9</sup> Tentaremos resumir as principais etapas desta crise.

Em junho de 1954 o 10º Congresso do POR aprovou as teses apresentadas por Guillermo Lora sob a seguinte orientação:

*Longe de lançar a palavra de ordem de derrubada do regime Paz Estenssoro, nós o apoiamos a fim de que ele resista à ofensiva da Rosca<sup>10</sup> e chamamos o proletariado a defender incondicionalmente a revolução boliviana e seu governo transitório [...] A tarefa imediata não é gritar 'Abaixo o governo', mas exigir dele que realize as reivindicações fundamentais da revolução.*

Aliás, este documento considera a possibilidade de uma predominância da esquerda no MNR:

*É somente nestas condições que se pode colocar a eventualidade de um governo de coalizão do POR e do MNR, que seria uma maneira de realizar a fórmula 'governo operário e camponês', o que, por sua vez, constituiria a etapa de transição rumo à ditadura do proletariado.<sup>11</sup>*

Seguindo estas teses, duas frações se constituiriam no POR, a Fração Operária Leninista (FOL), dirigida por Lora e o sindicalista Erwin Moller, e a Fração Proletária Internacionalista, de Hugo González Moscoso e Fernando Bravo, que rejeitava esta orientação e propunha uma linha de ruptura com o MNR e a constituição de um duplo poder a partir da COB.

Em 1954, uma parte da FOL, sem Lora, sob a direção de Erwin Moller, rompeu com o POR para aderir ao MNR. Contrariamente às esperanças dos trotskistas, não foi o POR que

<sup>9</sup> Isto também é válido para o livro publicado na França, em 1972, com um longuíssimo prefácio de dois militantes da Organisation Communiste Internationaliste, Catherine e François Chesnais, Cf. LORA, G. *Bolívie: de la naissance du POR à l'Assemblée populaire*. [Paris], EDI, 1972. Para uma apresentação mais objetiva dos fatos pode-se consultar o livro de um historiador inglês de esquerda, DUNKERLEY, J. *Rebellion in The Veins: Political Struggle in Bolívia, 1952-1982*. Londres: Verso, 1984.

<sup>10</sup> Na Bolívia, "rosca" designa a oligarquia rural e mineradora.

<sup>11</sup> LORA, op. cit., p. 35-43.

atraiu Lechin e a esquerda do MNR, mas, ao contrário, foi este que provocou a cisão do POR. A tendência de Hugo González Moscoso tornou-se majoritária e obteve o apoio do SI, mas Lora não aceitou sua derrota e, após algumas hesitações, cindiu e formou seu próprio POR em torno do jornal *Masas*. Enfraquecido por estas defecções e pelas lutas fracionais, o POR, nas eleições de 1956, obteve só 2.239 votos...

Alguns meses antes do 4º Congresso Mundial, em dezembro de 1953, reuniu-se uma conferência das seções latino-americanas da 4ª Internacional convocada pelo BLA, que se declarou solidário com o SI e a sua orientação política. Os documentos desta conferência deixaram poucas indicações sobre os indivíduos e as organizações participantes, salvo para lamentar a ausência, involuntária, da seção boliviana. Foi Posadas quem apresentou o informe sobre a situação política, a qual definiu, segundo seu habitual método, de modo linear: *A consciência política do proletariado se eleva continuamente* etc. As resoluções da conferência, por outro lado, foram mais nuançadas e condicionais e sugeriam uma visão dialética da construção da vanguarda:

*É impossível conquistar a direção das massas sem trabalhar em seu meio e sem dispor de forças de vanguarda relativamente importantes. [...] É impossível triunfar na vanguarda sem realizar um trabalho no meio das massas e sem levar uma luta teórica e política contra todas as correntes centristas, oportunistas, stalinistas, etc.*<sup>12</sup>

Em julho de 1954 reuniu-se o 3º Congresso da Internacional, com a participação de onze delegados latino-americanos, entre os quais Posadas, Oscar Fernández, Hugo González Moscoso, Guillermo Almeyra (então residindo no Brasil), Leôncio Martins Rodrigues, dirigente do POR brasileiro, transformado hoje num dos principais politólogos não-marxistas deste país, e Ortiz. A ausência de certas organizações, como o partido de Nahuel Moreno, mostrava que a cisão da Internacional começava a ter efeitos na América Latina.

O manifesto do Congresso mal menciona a América Latina, e a resolução política concede alguns parágrafos aos países

---

<sup>12</sup> *Bulletin Interne du Secrétariat International*, [S.l.], p. 4, 10-11, jan. 1954.

deste continente no capítulo Tarefas Particulares. Este documento toma claramente posição no debate boliviano chamando a uma *franca denúncia* do curso *direitista e até reacionário* do governo — mesmo alimentando ainda a ilusão de uma possível ruptura da ala esquerda do MNR. Recomendações mais detalhadas às seções latino-americanas foram elaboradas por uma comissão composta pelos onze delegados do continente e por Pierre Frank e Michel Pablo. Este texto de vocação interna lembra a necessidade de lutar na Argentina e no Uruguai por um partido operário baseado nos sindicatos e busca traduzir para a realidade política do continente a tática entrista aprovada pela Internacional como orientação geral. Isto significava no Chile a entrada no Partido Socialista Popular (PSP), no Brasil no PCB e no Peru *um trabalho entrista parcial na APRA*.

As proposições sobre a Bolívia foram mais duras ainda que aquelas da resolução política. Eles requeriam do POR que acentuasse sua crítica ao governo de “esquerda” e que tivesse poucas esperanças nas diferenciações internas no MNR. É preciso constatar que nenhum dos documentos da 4<sup>o</sup> Congresso considerava a América Latina como um conjunto de características comuns: trata-se assim do conjunto dos países “coloniais e semicoloniais”, logo, de certos países latino-americanos considerados separadamente.

Durante os anos 1955-1956 a cisão do trotskismo na América Latina aprofundou-se. O BLA de Posadas e Ortiz, filiado ao Secretariado Internacional, organizou em março de 1965 no Uruguai, e não no Chile como se indicou nos textos oficiais, a 3<sup>a</sup> Conferência Latino-Americana com a participação de 45 delegados representando seis países (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Peru, Uruguai). Entre estes, destaque-se a presença de José Maria Crispim, antigo dirigente e deputado do PC do Brasil, que havia recentemente aderido à seção brasileira. O informe de Posadas nesta conferência era típico do triunfalismo que caracterizava o BLA, porém em um grau menor que o do SI:

*As lutas revolucionárias das massas latino-americanas desenvolveram-se a um tal ponto que elas são irreversíveis e se encaminham ao poder operário e camponês.*<sup>13</sup>

<sup>13</sup> *Bulletin Interne du Secrétariat International*, [S.l.], p. 7, maio de 1956.

Os grupos de militantes argentinos e uruguaios em torno de Posadas — uma equipe homogênea e coesa de “revolucionários profissionais” inteiramente devotados à causa — exerceram uma influência determinante sobre o BLA e enviou freqüentemente emissários e conselheiros às outras seções em estadias que iam de alguns meses a muitos anos.

Alguns meses depois, em setembro de 1956, os partidários do Comitê Internacional por seu turno reuniram-se e fundaram, em uma reunião na Argentina, o SLATO. A principal base desta corrente era o POR argentino de Nahuel Moreno que, de acordo com suas declarações, não ultrapassava a uma centena de militantes, mas que tinha uma crescente influência nos sindicatos da CGT peronista e reunia ao seu redor quadros de valor: Milciades Peña, um brilhante historiador marxista, autor de um livro notável, *Masas, Caudillos y Elites*, que se suicidou aos 32 anos em 1963, Angel Bengoechea, Daniel Pereyra e Hugo Blanco, que voltou ao Peru em 1956. No Chile, o POR era uma pequena organização, com 34 membros declarados, cujo principal dirigente era Luís Vitale, historiador, autor de uma *História marxista del Chile* em 4 volumes; Vitale rompeu em 1954 com o SI e criou um comitê latino-americano do trotskismo ortodoxo, primeira etapa rumo à constituição do SLATO. Estes dois grupos e um outro menor ainda no Peru constituíam o essencial das forças ligadas ao Comitê Internacional.

O documento da conferência latino-americana de 1956 denunciou o “liquidacionismo pablista” e criticou a política entrista no Chile e no Peru. Curiosamente não conta com nenhuma divergência sobre a Argentina, pois os dois rivais pareciam desenvolver análises similares sobre o peronismo. Sobre a Bolívia, o SLATO se limitou a descrever as diferentes frações do POR, afirmando que a de Moscoso segue o pablismo com uma orientação política independente e, em geral tem uma posição política mais correta. A análise da conjuntura de Moreno em seu informe geral é mais sóbria e realista que aquela do BLA:

*A posição do imperialismo US foi reforçada ultimamente como conseqüência da derrota da revolução guatemalteca, da derrubada do regime de Perón, etc. [...] Enquanto na Ásia o proletariado tem um luta em ascensão, na América Latina a classe operária recua.*

O documento do SLATO reconhecia, em outro lugar, em um testemunho extremamente revelador, que o Comitê Internacional:

*Não é nada mais que uma força que representa uma frente única contra o pablismo [...]. Esta frente única deveria iniciar uma discussão sobre questões políticas, de modo a poder formular uma orientação política precisa e homogênea.<sup>14</sup>*

Foi em setembro de 1957 que se reuniu o 5º Congresso Mundial, com a participação de 14 delegados latino-americanos, entre os quais Posadas e Oscar Fernández pela Argentina, Fernando Bravo e Jesus Maria Morales do POR boliviano, José Maria Crispim e Gabriel Labat, arquiteto uruguaio enviado ao Brasil pelo BLA, pelo POR brasileiro, Jorge MacGinty e Raul Santander pelo POR chileno, Ismael Frias, pelo Peru e Ortiz pelo Uruguai.

A América Latina pouco apareceu nos documentos do Congresso, submersa no conjunto da revolução colonial. No Manifesto, apesar disso, há alguns parágrafos sobre a Bolívia, como sempre excessivamente otimistas:

*O espírito combativo das heróicas massas bolivianas [...] é mais elevado que nunca. Guiadas pelo POR, seção boliviana da IV Internacional, brevemente saberão impor a convocação de um Congresso Extraordinário da COB que decidirá pela formação de um verdadeiro Governo Operário e Camponês, liberando as massas do país do pesadelo econômico no qual vivem atualmente e da ameaça de uma ditadura.*

De todas estas previsões foi a da ditadura que se realizou alguns anos mais tarde.

Mais interessante e mais realista é um documento interno que reúne as resoluções do congresso sobre as tarefas das seções latino-americanas. O texto sobre a Bolívia, destinado unicamente aos membros do CEI, do BLA e à seção boliviana reconhecia a possibilidade de uma *evolução ulterior da revolução boliviana rumo a um patamar de estabilização capitalista* e até um “regime forte”. Neste contexto, insistia sobre a importância do trabalho militar do POR:

*O Partido deve opor-se com extrema energia à reorganização e à consolidação do exército burguês. Ele oporá o crescimento*

---

<sup>14</sup> *Summary of the Report of the Latin-American Pré-Conference of Orthodox Trotskyism, which took place in Argentina in the month of September 1956, lasting 10 days.*

*do armamento dos operários e camponeses, sob comando nacional único [...]. O Partido deve ser capaz de ligar-se organicamente com as formações militares das massas e de prosseguir, ao mesmo tempo, em um trabalho sistemático de penetração no exército e na polícia burgueses. O Partido deve-se ligar aos elementos revolucionários experientes ou desejosos de se aplicar à atividade militar [...] e compeli-los a considerar o prosseguimento da luta armada, mesmo no caso de um sucesso provisório da reação, sob a forma de uma guerrilha prolongada de militantes. Esta última questão deve ser estudada com a extrema seriedade que ela merece e considerada concretamente.*<sup>15</sup>

No momento em que este texto foi publicado, *uma guerrilha prolongada de militantes* lutava, sob a direção de Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Ernesto Che Guevara, nas montanhas de Sierra Maestra em Cuba. Entre o punhado de combatentes que sobreviveram ao desembarque do Granma em 1956 encontrava-se o operário negro Pablo Dias, velho militante trotskista sob o nome de Lassalle, que pertenceu ao Partido Bolchevique-Leninista de Cuba nos anos 1930 e depois.

A vitória dos revolucionários cubanos em janeiro de 1959 sobre a ditadura do general Batista iria mudar a história da América Latina, abrindo um novo período revolucionário. Foi esse também o início de um novo capítulo para os partidários latino-americanos da 4ª Internacional, que viram romper seu isolamento e multiplicar suas forças em todo o continente.

---

<sup>15</sup> *Bulletin Interne du Secrétariat International*, p. 2-3, nov. de 1957. (La situation bolivienne et les tâches du POR).

## **THE 4<sup>TH</sup> INTERNATIONAL IN LATIN AMERICA: THE FIFTIES**

### **ABSTRACT**

This essay points out the action and the development of political organizations, in Latin America, related to Leon Trotsky's ideas, in the 1950 decade, as well their historiographies.

### **KEYWORDS**

Political parties; Latin America; Leon Trotsky



Ilustração de Lívio Abramo, na primeira página de *O Homem Livre*, em seu número 6, de 2 de julho 1933. (Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, MR 2128.)